

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO ROMANCE SIMBOLISTA *NO HOSPÍCIO DE ROCHA POMBO*

Louise Bastos Corrêa (PGUFRJ/CAPES)

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo estudar a construção do espaço do hospício no romance simbolista *No Hospício*, de Rocha Pombo. Neste texto, a instituição é um espaço místico que possui uma atmosfera diferente da que podemos encontrar fora dele. A partir disso e de alguns aspectos da escola Simbolista, a qual o autor é filiado, tem-se a presença do Sagrado. Assim, será tratada aqui uma questão primordial: como um espaço de reclusão pode ser também um lugar de meditação? Para um mesmo espaço, outras perspectivas.

Palavras-chave: *Simbolismo; Rocha Pombo; No Hospício; Espaço.*

ABSTRACT

This present article aims to study how the hospice environment is built in the Symbolist novel written by Rocha Pombo. In this text the institution is a mystical space that has a different atmosphere from what we can find elsewhere. From this and some aspects of the symbolist school, which the author is affiliated, there is the presence of the sacred. Therefore, it will be treated here a primary question: how a confinement space may also work as a meditation place? For the same space, other perspectives.

Keywords: *Symbolism; Rocha Pombo; No Hospício; Space.*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo estudar a construção do espaço do hospício no romance simbolista de Rocha Pombo. A narrativa de *No Hospício* se desenrola a partir da curiosidade do personagem/ narrador, que não tem nome, que se interessa por Fileto que se encontra internado em um hospício aparentemente administrado pela Igreja Católica, cuja representante é uma religiosa. Podemos dizer que a situação contribui para ratificar o pensamento do autor sobre o caráter sagrado do espaço ficcional do hospício.

José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes, no Paraná, a quatro de dezembro de 1857. Em 16 de março de 1933, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Alberto de Faria. Não chegou a tomar posse. Faleceu no Rio de Janeiro em 26 de julho de 1933. O autor escreveu a narrativa romanceada em 1900 e foi editada pela primeira vez em 1905, pela editora Garnier do Rio de Janeiro. Rocha Pombo é considerado um dos grandes nomes da escola Simbolista no Brasil.

2. ANÁLISE DA OBRA

Não é preciso fazer uma análise muito detalhada para perceber que, diferentemente do personagem principal, Fileto, o narrador não foi obrigado a se internar no hospício, o fez por opção.

O mesmo vai à instituição na tentativa de buscar algo que não está conseguindo encontrar em seu cotidiano. Ao passo que se encanta por aquele jovem sonhador ali enclausurado pelo pai.

Neste texto, a instituição não tem localização geográfica, é um espaço místico que possui uma atmosfera diferente da que podemos encontrar fora dele, muitas vezes nos dando a sensação de também ser atemporal. Rocha Pombo utiliza sua obra como um recurso para dar voz à sua incansável imaginação e ao seu misticismo, e o faz por meio de embates metafísicos travados entre dois de seus personagens, que se dedicam a discutir temas fundamentais, como a origem da Vida, a natureza da Alma e da Matéria e o destino do Homem; Temas esses tão caros ao Simbolismo.

Como já foi dito anteriormente, Fileto não foi internado por ser louco, antes de ser colocado dentro do hospício era o que se pode chamar um inofensivo *flâneur*. Ele foi internado porque a família tinha vergonha dos modos dele, como é explicado ao personagem narrador por sóror Teresa.

A internação é a ação do mundo sobre Fileto, visto pela lente do decadentismo, em que não há mais lugar para o artista, este *flâneur* que não se adéqua à sociedade burguesa. Fileto encarna o artista, intelectual, que se opõe ao cotidiano da sociedade. Para ele cabe a afirmação que o narrador faz de que “a arte dos espíritos ainda não foi criada e que apenas na música ele entrevê ou pressente alguma coisa dessa arte futura que há de ser tão espiritual como os espíritos” (POMBO, 1970, p.38). Exílio compartilhado e vivido pelo narrador que também como um intelectual não se encaixava na sociedade como ele relata neste outro trecho:

Eu vivia de arrepio com o mundo, o mundo de birra comigo. Eu passava por tolo, ignorante e pretensioso. Era intolerável quando fazia crítica dos maus poetas ou dos galinhas da política;era ridículo quando achava, na sociedade, alguma coisa ruim, quando via injustiças e horrores, onde só havia simples fatalidades de acaso... Se me punha a estudar – não passava de um malandro; era um pobre ambicioso, se trabalhava. Nunca estive em paz com as línguas, meu Deus!Nunca me conciliei com o mundo! (POMBO, 1970, p.30)

O que existe de diferença entre os dois é que somente quando Fileto é levado ao hospício como louco sem o ser, quebra-se o seu estado de espírito e começa a se abrir para ele o mundo visto pela estética Decadentista, ele começa a sofrer a influência dos ideais decadentes como o isolamento:

- Cerca de um mês depois que aqui chegou – ia me contando soror Teresa- ele passou doze dias sem abrir, sequer, a veneziana do seu cubículo: lia ou escrevia, sem cessar, dia e noite. (POMBO, 1970, p.40)

Colocando-se este último trecho e o anterior juntos se pode ver que o narrador, ao contrário de Fileto, queria ir à busca desta sociedade que o rejeita, ele não se “conciliava com o mundo”, ele não era aceito pela sociedade, o mundo não o aceitava plenamente. E ele não por vontade própria ou imanente como a de Fileto, era excluído do mundo da cidade. E é aí que se pode encontrar um

motivo a justificar sua ida para o hospício. Este exílio à que os dois se submetem acaba criando a condição de isolamento artístico e que no caso da narrativa de *No Hospício* faz da arte um meio estético sagrado já que para o narrador e o Fileto a arte não toca senão os espíritos.

Os dois desempenham o papel de exemplo verdadeiro dos poetas decadentes e seus ideais. Os decadentes eram poetas que não se adequavam ao mundo e à época em que viviam, então procuraram escapar do mundo à sua volta exilando-se através da arte, cultivando a artificialidade e o individualismo. E é neste exílio, ao qual é levado Fileto, e ao qual o narrador se entrega que se cria o ambiente propício para viver os conflitos expostos por suas convicções, apesar de os dois viverem situações que os diferem entre si quando os colocamos cada qual na sua posição dentro da narrativa.

Olhando-se para o personagem principal, ele está isolado do mundo no hospício. No seu quarto câmara prevalece o mundo intelectual usado como artifício para que possa estar longe, apenas em contato com a sua arte, com seu eu interior, num ambiente entre quatro paredes. Fileto do ponto de vista social é um exilado pela sua relação com a sociedade representada na narrativa pela família. “Se me punha a estudar – não passava de um malandro; era um pobre ambicioso, se trabalhava”, como Fileto mesmo coloca. Já o narrador não sentia poder fazer parte da sociedade.

O desejo do narrador de estar junto “àquela criatura extraordinária”, indo para o hospício, é uma maneira de alcançar, numa busca intelectual-espiritual, o meio para demonstrar que longe da sociedade da qual ele não sente fazer parte poderia alcançar uma razão superior. Ele se internou pelo interesse em Fileto, a intenção dele era investigar o espírito dele e através deste revelar o seu próprio ou receber o que “aquela criatura iria lhe firmar” colocando o outro na posição superior.

Como se pode ver o narrador não deixa de estar ligado à cidade ou de estar ligado à realidade. Ele acaba exercendo este papel de intermediário entre Fileto e o mundo real de onde ele narrador vem e também em certo momento o espiritual do Jesus místico dos novos ideais estético-filosóficos que na época vinham da Europa e que o narrador apresenta para Fileto.

Através destes contatos logo podemos ver que ele tem a consciência de que sua passagem pelo hospício é artificial, falsa, e que lhe interessa é sua intenção de estar lá sem ser incomodado como ele fala:

Mas eu desejava ter, por ultimo, esta felicidade de um hospício... só este silêncio... apenas quebrados por ululos como aqueles...Aqui, pode-se VIVER à vontade... (POMBO, 197, p.150-151)

Afinal o narrador não foi internado contra a própria vontade, ele está conscientemente internado, ele vai ao hospício para buscar para algo, que a vida externa não oferece. O narrador - personagem vai ao hospício numa busca intelecto espiritual, está à procura de um espírito superior para si. E ele, pretende conseguir através de Fileto. Mas ao longo da narrativa ele se dá conta que

não está ao nível de abstração ou de recusa à sociedade de Fileto. E concluímos que o narrador vê o hospício com os olhos de quem vê de ‘fora’ e que é o paciente quem realmente é revestido interna e externamente da estética decadente. A caracterização mais forte e original da estética Decadente em *No hospício* se configura em Fileto:

Uma das manifestações mais características que nele persistiam, porém era o ... horror à multidão, ao tumulto... Quando lembrava de que uma grande cidade não pode existir sem muita gente ... preferia continuar no hospício... As ruínas deveriam consolar muito seu coração ... porque- dizia- lhe dariam um prazer heróico, muito semelhante ao prazer da vingança... nada mais belo do que sentir junto às ruínas a cessação da força inconsciente, e o triunfo imortal do espírito que por ali ficou dominado - eterno- onde a turba desvairou por instantes...(POMBO, 1970, p.155)

Fileto enxerga o sábio, o poeta e o artista como os heróis do mundo moderno, como Baudelaire vê no *dandy* o herói. E o que é um *dandy* moderno senão um poeta ou um artista aos olhos de decadentes e simbolistas. A vida ordinária que Fileto e o narrador desprezam é o instrumento, que torna possível ambos viverem sua relação intelectual.

Além de outros temas ligados à estética decadente que não são discutidos profundamente, mas pinceladas sobre a narrativa nas vozes diretas de Fileto e do narrador. Fileto escreve contra o Naturalismo:

A tentativa dos **naturistas** em França não é mais que um apercebimento dos superiores atuais que não encontram ainda a plástica da espiritualidade atual. Isto já se vê que reduz muito a importância do movimento. (POMBO, 1970, p.170).

Também é possível notar uma crítica velada à sociedade em que vive o autor quando dá voz, nesse momento, à personagem sóror Teresa, no que se refere ao pai de Fileto: “Não há para ele nada impossíveis na terra, pois que o dinheiro vence tudo ele tudo consegue.” (POMBO, 1970, p. 287).

No hospício, além de incluir diversas características do Decadentismo, tem mais que apenas o fator da influência literária pura e simples dos franceses. Guarda em si, como originalidade de leitura, a presença do mistério e da espiritualidade cristã.

Ao longo da narrativa podemos ver que o narrador-personagem se torna o ser intermediário entre estas doutrinas e Fileto. Ou melhor, através da concepção mística de Jesus pregada por essas doutrinas, ele consegue seduzir Fileto gradativamente durante a história. Isto porque o personagem -narrador tinha de chamar a atenção do suposto paciente sobre si, e a maneira foi através de tiras de papel que eram deixadas no corredor escritas para que chegassem à Fileto. E após inúmeras tiras ele chega a uma, a qual ele pede que sóror Teresa leve pessoalmente para Fileto.

A partir do interesse do jovem por Jesus como um símbolo místico, inicia-se a sua transformação ou transcendência a qual não se completa. A epifania que desencadeia este processo

mais fortemente é quando o narrador e protagonista perseguem a aparição pelo corredor até a capela onde “Por diversas noites mais fomos até a capela e tivemos ocasião de ver distintivamente a estupenda figura.” (POMBO, 1970, p.179). E o narrador diz mais adiante: “Apesar de não ter satisfeito a sua crescente curiosidade Fileto começou a viver como um homem que sente renovar-se-lhe a existência.” (POMBO, 1970, p.179).

Fileto que chegou a escrever *Fragmentos e Psicologia das visões* tratando muito mais de estética, filosofia e, uma investigação pseudo-científica da loucura e *Criaturas um ‘ensaio de arte’* acaba por escrever este *A era nova* um estudo sobre o evangelho. E nesta passagem fica mais claro que acabou por ter a revelação para si do Deus cristão: “Bendito seja o Senhor, que me arrancou do meu túmulo! Eu estava cego no meio da grande luz, e a sua mão me amparou e me abriu os olhos.”. (POMBO, 1970, p.291). Porém quando se pensou em vida externa ao hospício, que seria a liberdade, o personagem não conseguira realizar esta passagem ou mudança, pois o mesmo já se acostumara àquela situação de clausura. Aquela recusa de viver em um mundo incapaz de compreendê-lo era evidente no personagem, que passava a ver a sua internação como uma resistência.

Após a separação do narrador – quando este decide voltar à realidade lá fora – Fileto demonstra, depois do momento em que se separaram, voltar a ser o mesmo homem. Porém, o narrador confessa seu medo de partir e deixá-lo no hospício.

Mesmo assim, narrador e Fileto seguem suas vidas, o que acaba sendo uma forma de demonstrar que o individualismo é imutável para um decadente. Nenhum dos dois sofre uma mudança ao ponto de negar sua escolha anterior, ou melhor, seus propósitos. Pois o jovem sonhador, quando foi levado ao hospício, não ofereceu resistência e, resignado, demonstrou que lá era seu lugar final. E o narrador sai do hospício por que, de certo modo, ele havia investigado o espírito de Fileto, que era sua intenção.

Também podemos notar que o narrador era e foi, o último fio de amarra de Fileto. O narrador ainda fazia o protagonista ver um mundo exterior ou entrever a realidade. Desfeita esta última amarra, o jovem se viu pronto para entregar-se na esperança de um novo lugar para si, encontrando no seu ato o último refúgio para seu espírito.

A principal característica deste romance é a atmosfera espiritual, plena de obscuras ameaças. Apesar da perfeita limpidez e serenidade do estilo, o ambiente é como sacudido por telúricas convulsões, resolvendo-se em visões apocalípticas, tudo iluminado surdamente, como num frio sonho. Outro aspecto dessa modernidade diz respeito à presença do monólogo interior: o romance não passa de um extenso monólogo interior, em que o narrador reconstitui a traumatizante experiência em sanatório de doentes mentais.

Quanto ao aspecto ensaístico, nota-se que *No hospício* contém uma teoria da arte, sobretudo simbolista, que registra as inquietações doutrinárias então em pauta, e documenta ainda uma vez a fisionomia moderna da obra: esta exhibe fundamentos teóricos que lhe dão razão de ser; comporta a doutrina de que se nutre e que lhe justifica a ficção psicológica e a estrutura. Tudo se passa como se o ficcionista escrevesse a obra e simultaneamente a enriquecesse com os princípios estéticos em que se baseou.

Conduzido por um espiritualismo cristão e ocultista que na base se confunde com o socialismo utópico, Fileto parece à encarnação do artista simbolista, o seu arquétipo vivo. Louco lúcido, ou falso louco, exilado na realidade contingente, voltado para um universo de quimeras e visões, as suas idéias localizam-se na fronteira entre a intuição divinatória e o disparate caótico. A loucura, meio verídica, meio postiça, é uma representação da evidência simbolista.

Fileto é um símbolo imbuído da “loucura” consciente de viver em meio a símbolos, uma vez que o mundo material lhe parece destituído da evidência e da realidade que somente o símbolo possuiria. O internamento no hospício é uma imposição mais profunda do que faz crer a maldade do pai; é também metáfora: para sonhar com a redenção do homem num futuro melhor, não tinha como fugir à condição de visionário, impunha-se o afastamento do convívio humano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lida hoje, a narrativa nos afigura um mundo exótico, ultrapassado para sempre, mesmo no referente à loucura. Mas alguns de seus aspectos, sobretudo aqueles que a fazem moderna, são suficientes para justificar que tornemos a lhe conferir a atenção merecida. E, ainda para a história do nosso Simbolismo, notadamente no capítulo de ficção, *No hospício* representa obra imprescindível e única.

Nesse livro, contudo, observam-se notas precursoras do romance metafísico. Nele encontramos elevado senso místico, aventuras curiosíssimas do pensamento, um esboço de poema épico-filosófico, além de páginas que valem por poemas em prosa, admiráveis de profundidade iluminada, e tipicamente simbolistas, tanto no que concerne ao vocabulário, como à temática e à atmosfera espiritual.

O poeta simbolista cultivava os sonhos como o único nível vital da experiência, vivendo deste modo na fronteira do visível e do invisível. Naturalmente, não é capaz de manter o delicado equilíbrio entre o racional e o irracional e acaba entrando num estado de completa loucura. E é o que podemos dizer que acontece com a obra, um reflexo de todo esse ideal vigente, no qual o autor mescla elementos reais e oníricos, dificultando assim, uma precisão na interpretação do romance.

REFERÊNCIAS

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

MOISES, Massaud. *História da Literatura Brasileira. Volume II – Realismo e Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MURICY, Andrade. *O Símbolo: À sombra das araucárias*. Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1976.

_____. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Volume I. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

POMBO, Rocha. *No Hospício*. 2. ed. Instituto Nacional do Livro/MEC, 1970.